



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JAQUELINE FARIAS DE OLIVEIRA

**REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE IMERSÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL
POR MEIO DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

**CAMPINA GRANDE
2021**

JAUQUELINE FARIAS DE OLIVEIRA

**REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE IMERSÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL
POR MEIO DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Área de Concentração: Educação

Orientadora: Dr^a Francisca Pereira Salvino.

**Campina Grande
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e anodo trabalho.

O48r Oliveira, Jaqueline Farias de.
Reflexões sobre o processo de imersão no ensino fundamental por meio do Programa Residência Pedagógica [manuscrito] / Jaqueline Farias de Oliveira. - 2021.
35 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Francisca Pereira Salvino, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Residência pedagógica. 2. Ensino fundamental. 3. Formação do professor. I. Título

21. ed. CDD 372

JAQUELINE FARIAS DE OLIVEIRA

**REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE IMERSÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL
POR MEIO DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) apresentado à Coordenação
do curso de Licenciatura em Pedagogia
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título
de Graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Aprovada em: 14/10/2021

BANCA EXAMINADORA

Francisca P. Salvino

Prof. Dr^a Francisca Pereira Salvino (Orientadora)
UEPB

Ruth B. Araújo Ribeiro

Prof. Me. Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro (Examinadora)
UEPB

Aníbal de Menezes Maciel

CS Scanned with CamScanner

Prof. Dr. Aníbal de Menezes Maciel (Examinador)
UEPB

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Deus Eterno, que esteve comigo durante todo esse tempo me dando forças para continuar, mesmo em meio às dificuldades enfrentadas.

À minha amiga e colega de turma, Renata dos Santos, por ter sido minha dupla em todos os trabalhos e colaboradora no Programa Residência Pedagógica.

À minha família, especialmente aos meus pais, Sandra e Josinaldo, e à minha irmã Jamilly Esther, por terem me dado o suporte necessário para a realização do curso de graduação.

Às minhas colegas da Residência Pedagógica, Kaline, Lessana, Jucinata, Eliana, Piedade e Evely, que estiveram trabalhando comigo durante todo o período em que vivenciamos essa experiência.

Às minhas amigas, Pamela e Letícia, e aos demais colegas da turma. Juntos passamos por muitas coisas, enfrentamos dificuldades e nos alegramos pelas vitórias.

À todos que fazem parte da Escola Municipal de Campina Grande, em especial a preceptora, por terem me recebido durante a Residência Pedagógica e contribuírem para minha formação.

À minha orientadora, Prof^a Dr.^a Francisca Salvino, por termos trabalhado juntas no Programa Residência Pedagógica e por sua disponibilidade em me conduzir na construção deste trabalho de conclusão do curso.

À Universidade Estadual da Paraíba, em especial ao Departamento de Educação e a todos os funcionários e professores que compõem o Curso de Licenciatura em Pedagogia, por todo o investimento e dedicação.

RESUMO

O Programa Residência Pedagógica (PRP) foi implementado no ano de 2018, por meio do Ministério da Educação (MEC) juntamente com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cujo principal objetivo é aperfeiçoar na prática o processo de formação de graduandos/as dos cursos de licenciatura. No presente trabalho, analisamos a experiência de imersão no Ensino Fundamental, anos iniciais, em uma escola municipal localizada na cidade de Campina Grande/PB, por meio do PRP, durante os meses de junho a dezembro de 2019, englobando a observação e a regência em uma sala de aula do 5º ano. Abordaremos a questão da formação docente, a partir da análise das atividades de formação, de observação e de regência de sala de aula. A metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho foi a observação participante, que consiste numa abordagem qualitativa do tema. Conclui-se que o PRP nos proporcionou redimensionar os referenciais teórico-metodológicos estudados durante o curso de Licenciatura em Pedagogia. Ao promover essa aproximação do/a graduando/a em um curso de licenciatura com o ambiente escolar por um período de 18 meses, o PRP permitiu que construíssemos uma base mais sólida, com menos insegurança acerca de aspectos mais complexos como planejar e realizar uma aula, que recursos utilizar ou como lidar com as relações e emoções envolvidas no processo, bem como mais simples como a melhor letra para escrever no quadro.

Palavras-chave: Residência Pedagógica. Ensino Fundamental. Formação do Professor.

ABSTRACT

The Pedagogical Residency Program (PRP) was implemented in 2018, through the Ministry of Education (MEC) together with the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES), whose main objective is to improve in practice the process of training undergraduates from undergraduate courses. In this paper, we analyze the experience of immersion in Elementary School, early years, in a municipal school located in the city of Campina Grande/PB, through the PRP, from June to December 2019, encompassing observation and conducting in a 5th grade classroom. We will address the issue of teacher education, from the analysis of training activities, and the observation and conduction activities in the classroom. The methodology used to develop the work was participant observation, which consists of a qualitative approach to the topic. It is concluded that the PRP allowed us to resize the theoretical-methodological references studied during the Degree in Pedagogy course. By promoting this approximation of the undergraduate in an undergraduate course with the school environment for a period of 18 months, the PRP allowed us to build a more solid base, with less uncertainty about more complex aspects such as planning and conducting a class, which resources to use, how to deal with the relationships and emotions involved in the process, or simpler, such as the best letter to write on the board.

Keywords: Pedagogical Residence. Elementary School. Teacher Training.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	FORMAÇÃO DOCENTE E RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA	9
3	METODOLOGIA E ESCOLA CAMPO DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA	12
3.1	Procedimentos Metodológicos	12
3.2	A escola campo da Residência Pedagógica	12
3.3	A imersão na sala de aula.....	14
4	REFLEXÕES ACERCA DO PROCESSO DE IMERSÃO NA ESCOLA	16
4.1	Formação na Instituição de Ensino Superior	16
4.2	Observação.....	19
4.3	Momentos mais significativos da regência de classe.....	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

A formação dos/as professores/as da educação básica tem sido um assunto discutido ao longo dos anos, trazendo como uma das principais preocupações dos formadores educacionais dos cursos de licenciaturas, bem como dos profissionais da educação básica, a articulação entre teorias aprendidas nas instituições formadoras e a prática no cotidiano das escolas. Muitos/as estudantes das Instituições de Ensino Superior (IES), apesar de concluírem seus cursos, deparam-se com a insegurança de não se encontrarem preparados/as para vivenciar a imersão nas escolas, mais precisamente na sala de aula. Muitas vezes têm uma vasta base teórica, mas não sabem como utilizá-la, ou seja, têm uma limitada associação com prática cotidiana das escolas.

Compreendemos que toda prática é embasada em uma ou diversas teorias, portanto, enfatizamos que a teoria é essencial no dia a dia escolar. É aconselhável que os futuros profissionais da educação, sempre que possível, busquem experiências, que proporcionem uma imersão na realidade escolar, para que possam vivenciar as teorias aprendidas nas instituições formadoras. Para esse propósito existem algumas opções como os estágios obrigatórios, os remunerados e optativos, como o Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e o Programa Residência Pedagógica (PRP), o qual tivemos a oportunidade de vivenciarmos como alunas de Licenciatura em Pedagogia da UEPB, no período de agosto de 2018 a janeiro de 2020. Para uma compreensão mais aprofundada desse processo, o objetivo deste trabalho é descrever e analisar a experiência de imersão numa escola de ensino fundamental, enquanto graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia, em uma turma do 5º ano, por meio do PRP.

O PRP foi implementado no ano de 2018, por meio do Ministério da Educação (MEC) juntamente com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), este programa faz parte da Política Nacional de Formação de Professores, cujo principal objetivo é aperfeiçoar na prática o processo de formação de graduandos dos cursos de licenciatura, sendo assim, propicia a imersão desses graduandos nas escolas de educação básica, sob a supervisão de um/a professor/a da IES em que estão matriculados/as e de um/a professor/a experiente na escola onde irão atuar (BRASIL, 2018).

O Programa foi realizado em 18 meses (agosto de 2018 a janeiro de 2020), sua carga-horária foi de 440 horas, sendo estas distribuídas em cinco fases: 1) 60 horas para a formação teórica e preparação para a imersão nas escolas; 2) 60 horas para orientação, observação e ambientação dos/as residentes na escola, assim como, para a preparação do plano de atividades; 3) 260 horas para imersão dos/as residentes na escola, das quais 100 horas foram destinadas à regência de classe; 4) Elaboração do relatório final e 5) 60 horas para a avaliação e socialização das experiências (BRASIL, 2018).

No presente trabalho, analisamos a experiência de imersão no Ensino Fundamental em uma turma do 5º ano, em uma Escola Municipal localizada na cidade de Campina Grande/PB, por meio do PRP, durante os meses de junho a dezembro de 2019, englobando a observação e a regência. O trabalho está organizado em quatro seções, nas quais, abordamos a questão da formação docente, descrevemos a escola campo de estágio em seus diversos aspectos, seguindo por uma análise a respeito da sala de aula onde ocorreu o período de imersão escolar, concluindo com as nossas considerações finais a respeito desse processo.

2 FORMAÇÃO DOCENTE E RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

A formação de professores/as tem sido um assunto discutido por estudiosos/as da educação há muitos anos, visto que esse/a profissional é considerado/a um/a agente essencial no processo de ensino e aprendizagem, ou seja, “a formação de quem vai formar torna-se central nos processos educativos formais” (GATTI, 2016, p. 163). Apesar de ter passado pelos mais diversos níveis de ensino, atualmente esta formação tem sido responsabilidade das IES. Segundo Saviani (2009), essa nova formação permitiu que os profissionais da educação fossem preparados de forma mais específica e consistente, tendo como base teorias pedagógicas que endossassem suas práticas no dia a dia das escolas.

Dessa forma, é essencial que as IES priorizem os caminhos que levarão os/as licenciandos em formação à prática nas escolas, onde futuramente irão atuar ou onde já atuam, uma vez que muitos/as licenciandos/as ingressam no mercado de trabalho antes mesmo da conclusão dos cursos. Sendo assim, o estágio é fundamental nos cursos de licenciatura. De acordo com Scalabrin e Molinari (2013), o educador em formação só estará em condições de atuar no dia a dia das instituições de ensino básico, se estiver imerso nessa realidade durante o seu processo de formação acadêmico, visto que, estarão em contato direto com os aspectos práticos e desafiantes da sua futura profissão. Dessa forma, destacamos a importância do estágio nessa formação, porquanto este proporciona que o graduando/a faça relação entre teoria e prática, durante o seu processo de formação.

A formação inicial dos futuros docentes e/ou profissionais da educação exige como obrigatoriedade o estágio curricular, apresentando-se como uma experiência fundamental para o desenvolvimento da prática docente. Permite que o graduando experimente o fazer pedagógico, durante sua trajetória de formação. Partindo do princípio de que o estágio possibilita a articulação entre a teoria e a prática educacional deste profissional, esse processo precisa ser bem planejado, com objetivos bem definidos a partir de uma estrutura curricular que possibilite a articulação da práxis pedagógica (FREITAS; FREITAS; ALMEIDA, 2020, p. 1).

A formação do docente trará benefícios não apenas para sua carreira profissional, mas para cada aluno/a que será formado por esse/a educador/a, que desde a sua graduação conseguiu fazer a ponte entre as teorias estudadas nas IES

e a prática de ensino na escola, local onde está sendo preparado/a para atuar. Não há dúvidas de que quanto mais cedo há a imersão no cotidiano escolar por parte do/a graduando/a, melhor será sua percepção a respeito da realidade em que este atuará, podendo desenvolver melhores estratégias de ensino de acordo com as especificidades de seus/as alunos/as e realidades em que estão inseridos/as, sem abandonar as teorias estudadas, mas aplicando-as às vivências diárias.

Busca-se, por meio desse exercício, beneficiar a experiência e promover o desenvolvimento, no campo profissional, dos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos durante o curso nas instituições superiores de ensino, bem como, favorecer por meio de diversos espaços educacionais a ampliação do universo cultural dos acadêmicos, futuros professores. Outros fins previstos nessa proposta são: desenvolver habilidades, hábitos e atitudes relacionados ao exercício da docência e criar condições para que os estagiários atuem com maior segurança e visão crítica em seu espaço de trabalho (SCALABRIN; MOLINARI, 2013, p. 3).

É nesse cenário que o PRP surge para proporcionar aos estudantes das licenciaturas uma formação prática, na qual eles/as poderão viver a experiência de imersão nas escolas, avaliando de forma mais adequada sua escolha, o campo de trabalho, os limites, possibilidades e perspectivas da área. O Programa possibilita o aprofundamento e o aperfeiçoamento dos estudos realizados na primeira metade dos cursos. Os/as professores/as em formação transitam no ambiente escolar por 18 meses, mais especificamente, empenham 440 horas exclusivamente na prática pedagógica, desenvolvendo as habilidades necessárias ao profissional da educação, além de analisar e refletir sobre o dia a dia no ambiente escolar.

O Programa parte do princípio da imersão dos alunos, durante dezoito meses consecutivos, em todas as atividades desenvolvidas na escola que lhe é designada, com a participação ativa do professor preceptor. Nesta imersão, o estudante participa da rotina da escola parceira, inclusive das atividades extra sala promovidas pela escola, a partir do plano de atividade elaborado em conjunto (FREITAS; FREITAS; ALMEIDA, 2020, p. 5).

Os cursos de licenciaturas dispõem de estágios obrigatórios e para o curso de Pedagogia cinco: Estágio Supervisionado I (40 horas) e II (60 horas) em Gestão Educacional; Estágio Supervisionado III (120 horas) em Educação Infantil; Estágio Supervisionado IV e V, ambos no ensino fundamental, anos iniciais, cada um com duração de 90 horas (UEPB, 2016), totalizando 400 horas, conforme o currículo em

vigor. No currículo anterior (UEPB, 2009), que vigorou até 2020¹, eram seis estágios: Estágio Supervisionado I e II em Gestão Educacional; Estágio Supervisionado III (observação) e IV (regência) em Educação Infantil; Estágio Supervisionado V (observação) e VI (regência) no ensino fundamental, anos iniciais.

Afirmamos que estes estágios são importantes para a formação profissional e não queremos desmerecê-los. No entanto, é preciso reconhecer que o período de imersão escolar via estágios supervisionados obrigatórios é bastante fragmentado e o acompanhamento tende a ser menos sistemático, quando comparado ao período de imersão proporcionado pelo PRP. Além disso, o PRP também permite que os alunos sejam coparticipantes de todas as atividades escolares, como a regência em sala de aula, planejamento escolar, elaboração de planos de aula, reuniões pedagógicas e atividades extra sala de aula, como mostras pedagógicas e/ou eventos escolares. Ressaltamos que os estágios obrigatórios I, II, III e IV foram cumpridos. Enquanto que os estágios V e VI foram substituídos pelo PRP.

O PRP apresenta algumas particularidades que lhe diferenciam de outros programas de formação docente, como o fato de os alunos participantes do programa usufruírem de uma carga horária ampliada para sua imersão em sala de aula, o que permite ao licenciando pertencer ao meio da instituição de ensino no qual está inserido [...]. Outra característica singular do programa é induzir ao aperfeiçoamento do estágio curricular supervisionado (FERREIRA; SIQUEIRA, 2020, p. 10).

Outros fatores que diferenciam os dois estágios são a livre adesão dos participantes; o processo seletivo, conforme editais do MEC/CAPES e o fornecimento de bolsas (ajuda de custo para transportes, alimentos, materiais didáticos e outros) a professores das IES, das escolas e aos residentes. Diante disso, compreendemos que o PRP busca aprimorar a formação docente inicial, participando ativamente no processo de ensino e aprendizagem dos/as educandos/as, refletindo sistematicamente sobre esses processos, bem como em condições financeiras mais apropriadas.

¹ Os dois currículos vigoraram simultaneamente até que as turmas do currículo de 2009 concluíssem. A graduanda autora deste trabalho estava inserida nesse currículo.

3 METODOLOGIA E ESCOLA CAMPO DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

3.1 Procedimentos Metodológicos

O presente trabalho foi desenvolvido por meio da metodologia de observação participante, visto que esta envolve a interação do/a pesquisador/a com o grupo observado em um determinado período de convivência. Portanto, a observação participante:

É realizada em contato direto, frequente e prolongado do investigador, com os atores sociais, nos seus contextos culturais [...]. Requer a necessidade de eliminar deformações subjetivas para que possa haver a compreensão de fatos e de interações entre sujeitos em observação, no seu contexto (CORREIA, 2009, p. 31).

Essa metodologia de pesquisa foi essencial para a realização das atividades do PRP na escola campo de estágio, proporcionando às alunas residentes uma melhor compreensão do processo de ensino e aprendizagem realizados nas salas de aula em que estavam inseridas, com observação participativa, dando suporte às professoras preceptoras ministrando aulas (regência) com a observação e a orientação direta da preceptora.

3.2 A escola campo da Residência Pedagógica

O presente trabalho foi realizado em uma escola pública municipal da cidade de Campina Grande/PB, a qual abrangia as etapas da Educação Infantil e Ensino Fundamental, anos iniciais. A escola dispunha de amplo espaço, composto por: uma secretaria; uma sala de professores/as; sete sanitários femininos e dois masculinos; uma sala de leitura; um pátio; uma cozinha; doze salas de aula; uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE); uma sala de Apoio Técnico-Pedagógico; uma sala de informática em construção; um Almojarifado; um *playground* e uma pracinha. Um dos elementos estruturais que chamavam a atenção é a sala de leitura, com diversos livros, televisão compatível com *pendrive* e DVD, além de possuir capacidade para receber muitos alunos. Um elemento positivo e que merecia destaque é a sala de AEE, na qual havia o trabalho com crianças com deficiência, dispondo de inúmeros materiais didático-pedagógicos que

proporcionavam o melhor desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem desses alunos.

O corpo docente da escola é composto por 24 professoras, atendendo da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental, sendo 16 licenciadas, 15 especialistas e uma com Ensino Médio (pedagógico). Destas, duas possuíam contratos efetivos, um intérprete de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e oito cuidadores/as. A parte administrativa era composta por uma gestora² e uma adjunta, ambas com formação acadêmica de nível superior e pós-graduação em Gestão Educacional. O corpo discente era composto por um total de 685 alunos/as, sendo 359 no turno da manhã e 326 no turno da tarde.

O Conselho Escolar funcionava com regime próprio, sendo representado por três docentes, três pais/responsáveis, dois alunos, um servidor e uma gestora. A equipe de apoio da escola era composta por uma secretária, cinco auxiliares de serviços diversos, duas merendeiras, duas auxiliares de cozinha e cinco vigilantes.

Todas as ações realizadas na escola partiam do pressuposto de escolaridade, com modelo de gestão democrática, assumido através do Projeto Pedagógico, que é uma praxe de colaboração entre aqueles/as que compõem de forma participativa e transparente a esfera escolar, pelo acesso aos processos do desenvolvimento do trabalho nela desempenhado. Podemos perceber que a escola realmente tinha suas atividades organizadas e dirigidas em torno dessa perspectiva. Conforme Betin (2005), quando a escola realmente associa suas ações e os resultados de suas avaliações ao projeto pedagógico, torna-se eficiente e eficaz.

O projeto político-pedagógico mostra a visão macro do que a instituição escolar pretende ou idealiza fazer, seus objetivos, metas e estratégias permanentes, tanto no que se refere às suas atividades pedagógicas, como às funções administrativas. Portanto, o projeto político-pedagógico faz parte do planejamento e da gestão escolar. A questão principal do planejamento é expressar a capacidade de se transferir o planejado para a ação (BETIN, 2005, p. 38).

Outro aspecto presente na escola era o incentivo à participação ativa dos pais, bem como de alunos, mediante o contato direto com a escola, nas reuniões, eventos sociais e pedagógicos, questionários e espaços abertos a sugestões, além de sua representatividade no Conselho Escolar. A escola municipal possuía

² A gestora em questão faleceu no dia 31 de janeiro de 2021, devido a complicações causadas pela COVID-19.

reuniões de planejamento regulares, semanalmente às terças-feiras, no qual toda a equipe pedagógica estava envolvida, visto que, nessa escola a prática do/a professor/a era subsidiada pelo trabalho em conjunto da equipe técnica, composta por gestora, adjunta, supervisor, orientador educacional e assistente social.

O sistema de avaliação realizado pela escola era contínuo por meio de atividades e trabalhos, englobando também avaliações escritas bimestrais e exames nacionais como a Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (ANRESC/Prova Brasil), Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e o Sistema de Avaliação Municipal de Alfabetização (SAMA).

3.3 A imersão na sala de aula

A observação participante foi realizada no turno da tarde da escola, em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental. As aulas iniciavam às 13:00 horas e em filas os/as alunos/as eram encaminhados/as para suas salas guiados/as por seus/as professores/as. O horário do intervalo dividido entre a Educação Infantil, começava às 15:00 horas e o do Ensino Fundamental às 15:20 horas. Nesse momento, eles/as lanchavam, brincavam, iam ao banheiro e tomavam água, aproveitando o amplo espaço que a escola dispunha. Às 15:40 horas retornavam para a segunda aula, encerrando o expediente escolar às 17:20 horas.

A sala de aula do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Campina Grande possuía uma sala de aula ampla, com aberturas e janelas laterais que proporcionavam ótima iluminação, as paredes da sala estavam decoradas com as produções dos/as alunos/as, como cartazes e desenhos, assim como cartazes informativos. Havia ao final da sala um espaço com uma árvore de papel, ao seu lado varais com livros e uma espécie de tapete no chão, para que os/as alunos/as pudessem realizar leituras livres. Ao lado do espaço para a leitura, havia um quadro com textos, o sistema solar fixado nele e mesas com jogos didáticos. Na parte da frente da sala havia uma mesa com dicionários e gibis, um amplo quadro branco e uma mesa com materiais escolares diversos para utilização dos/as alunos/as. Como a sala continha uma grande quantidade de alunos/as, as mesas e cadeiras estavam dispostas de forma enfileirada.

A professora regente e nossa preceptora no PRP possuía graduação pela Universidade Vale do Acaraú (UVA), especialização em Formação do Educador,

pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e especialização em Supervisão e Orientação Educacional pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP). Atuava em sala de aula há 27 anos, no entanto, também foi Coordenadora Pedagógica por 10 anos. Apresentava bom relacionamento com todos/as os/as agentes escolares e com seus/as alunos/as, assim como, fazia uso de diversos recursos didático-metodológicos.

Os/as alunos/as do 5º ano do Ensino Fundamental possuíam faixa etária entre 10 a 12 anos de idade. Consideramos que a maioria está dentro da faixa etária adequada. Ao todo são 29 alunos/as, sendo 16 meninas e 13 meninos. A maioria estava alfabetizada, tendo domínio dos códigos da leitura e da escrita, capacidade para resolução de problemas, realização de trabalhos em grupo, assim como, apresentavam bom comportamento, respeitando seus colegas e a professora.

4 REFLEXÕES ACERCA DO PROCESSO DE IMERSÃO NA ESCOLA

4.1 Formação na Instituição de Ensino Superior

Dentre as oportunidades proporcionadas pelo PRP, destacamos que durante todo o Programa foram realizados cursos de formação na UEPB com profissionais do Departamento de Educação e de outros da UEPB, de outras universidades, da Secretaria Municipal de Educação (SEDUC/CG) e de escolas. Todavia, nesta seção, abordamos apenas os cursos de formação oferecidos pelo subprojeto de Pedagogia, na UEPB, durante o período de julho a novembro de 2019. Destacamos dois cursos de formação com os temas: O Ensino e Aprendizagem de Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com o professor Dr. Aníbal de Menezes Maciel (CCT/UEPB), e Diálogos sobre a disciplina na escola, com a Psicopedagoga Anna Patrícia Barros Mendes.

O Ensino e Aprendizagem de Matemática nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, ministrado pelo Prof. Aníbal Menezes, trouxe uma abordagem a respeito das principais dificuldades que as crianças apresentam ao estudarem a base do ensino da Matemática, dentre eles destacou a questão desse componente curricular ser estritamente abstrato, gerando aversão às crianças. De acordo com Fiorentini e Miorim (1990):

As dificuldades encontradas por alunos e professores no processo ensino-aprendizagem da matemática são muitas e conhecidas. Por um lado, o aluno não consegue entender a matemática que a escola lhe ensina, muitas vezes é reprovado nesta disciplina, ou então, mesmo que aprovado, sente dificuldades em utilizar o conhecimento “adquirido”, em síntese, não consegue efetivamente ter acesso a esse saber de fundamental importância. (FIORENTINI; MIORIM, 1990, p. 3).

Além disso, buscou desconstruir modelos que adquirimos desde a nossa fase escolar que dificultam a nossa compreensão quando se trata da resolução das quatro operações. Trouxe exemplos de como associar as adições e subtrações com reserva para a melhor compreensão dos/as alunos/as nestas operações matemáticas.

Para trabalhar com o sistema de numeração decimal, utilizou materiais simples como palitos de picolé em unidades e conjuntos de dez, cem e mil, representando as unidades, dezenas, centenas e milhares. Realizando operações

de adição e subtração com esse material, demonstrou a melhor forma de efetuá-las e explicá-las, trazendo as ideias de juntar na adição; retirar, completar e comparar na subtração, bem como decompor/recorrer à outra casa decimal. Para trabalhar a multiplicação, o Professor fez uso do material dourado³, visto que este permite a melhor compreensão no processo de transição do material concreto para a representação gráfica dos números naturais, dessa forma, inicia-se o processo de multiplicação com o conjunto das unidades, dezenas, centenas e milhares, até que, por meio da prática, o/a professor/a perceba que seus/as alunos/as já conseguem compreender a ligação desta prática com o uso dos números naturais gráficos.

Pretende-se, assim, ensinar os alunos a serem capazes de resolver situações problemáticas e refletirem de modo a aplicarem as ideias matemáticas num vasto conjunto de situações [...]. Uma das formas de promover diferentes experiências de aprendizagem matemática enriquecedoras é através do uso de materiais didáticos, os quais assumem um papel ainda mais determinante por força da característica abstrata da matemática (BOTAS; MOREIRA, 2013, p. 254).

Nesse curso de formação pudemos perceber, na prática, como é importante o uso de material concreto nas aulas de matemática, uma vez que é essencial para que os/as estudantes compreendam os conteúdos que estão sendo estudados. Por ser a Matemática abstrata, muitas vezes eles/as apresentam receio ou pavor em relação a esse componente curricular, essencial em suas vidas. Porém, através de ações reflexivas sobre materiais concretos, o processo de desenvolvimento do pensamento lógico das crianças torna-se mais viável, principalmente quando consideramos contextos pertencentes à realidade dos/as alunos/as. Além de compreendermos que alguns termos já estabelecidos e apreendidos como modelos de ensino matemático precisam ser desconstruídos e modificados, visto que ao invés de auxiliar na compreensão dos conteúdos, geram dificuldades de aprendizagem ou, ainda, confundem os alunos.

A 'falta de significado' do que é ensinado em sala de aula, a desvinculação dos conhecimentos escolares no âmbito da Matemática estaria 'levando/induzindo ao erro/fracasso, desinteresse' do aluno. Em direção oposta, a vinculação entre a matemática escolar e o mundo social mais amplo propiciaria ao aluno um maior interesse pelos conteúdos escolares, visto que 'por meio de situações reais o seu interesse pode ser ampliado' ou porque 'os alunos estarão mais interessados em matemática se puderem ver como esta é usada na vida diária' (KNIJNIK; DUARTE, 2010, p. 879).

³ O material dourado destina-se a atividades que auxiliam o ensino e a aprendizagem do sistema de numeração decimal-posicional e dos métodos para efetuar as operações fundamentais.

Outro curso de formação que queremos destacar é o curso com o tema “Diálogos sobre a Disciplina na Escola”, ministrado pela Psicopedagoga Anna Patrícia. Durante o período em que estivemos nas escolas contempladas com o PRP, enfrentamos o desafio de lidar com alunos/as que não nos ouviam ou não estavam dispostos a contribuir com o bom andamento das aulas, portanto, este curso de formação nos apresentou uma nova perspectiva a respeito da disciplina em sala de aula e de como lidar com ela.

A preocupação dos professores, centrada em práticas reativas individuais, talvez decorra do entendimento tradicional de que disciplina é algo particularmente relacionado a esquemas de domínio de classe, ou que estaria atrelado sobretudo a um exercício de autoridade docente (GARCIA; DAMKE, 2008, p. 4537).

A psicopedagoga se propôs a falar da disciplina na escola, iniciou o curso de formação trazendo perguntas sobre o que entendemos por disciplina e o que seria um aluno indisciplinado. O grupo respondeu o que acreditava ser disciplina e indisciplina pelo senso comum. A partir das nossas respostas, a psicopedagoga trouxe inúmeros exemplos do seu cotidiano na escola, nos levando a ideia de que o aluno disciplinado não é simplesmente aquele que permanece quieto, sentado e calado, mas sim, que se expressa livremente na sala de aula falando, questionando, interagindo e agindo de acordo com os limites estabelecidos pelas boas regras de convivência, sem desrespeitar os seus/as colegas e professores/as.

A palestrante também trouxe a reflexão sobre o que leva o/a aluno/a, a agir de forma desrespeitosa em sala de aula, alertando que o/a professor/a deve analisar a história do/a aluno/a, bem como se seus métodos têm contribuído para que não se envolva nas práticas realizadas em sala de aula, apresentando resistência ou inadequação.

A indisciplina escolar não apresenta uma causa única, ou mesmo principal. Eventos de indisciplina, mesmo envolvendo um sujeito único, costumam ter origem em um conjunto de causas diversas, e muito comumente reflete uma combinação complexa de causas. Esta complexidade é parte do perfil da indisciplina e deve ser considerada, se desejamos compreendê-la e estabelecer soluções efetivas. Para fins de sistematização, as diversas causas da indisciplina escolar podem ser reunidas em dois grupos gerais: as causas externas à escola e as causas internas. Entre as primeiras vamos encontrar, por exemplo, a influência hoje exercida pelos meios de comunicação, a violência social e o ambiente familiar. As causas encontradas no interior da escola, por sua vez, incluem o ambiente escolar e as condições de ensino-aprendizagem, os modos de relacionamento humano, o perfil dos alunos e sua capacidade de se adaptar aos esquemas da escola. Assim, na própria relação entre professores e alunos habitam motivos para a indisciplina, e as formas de intervenção disciplinar que os professores praticam podem reforçar ou mesmo gerar modos de indisciplina (GARCIA, 1999, p. 104).

Durante o período que estivemos vivenciando o PRP participamos de diversos cursos de formação, os quais acrescentaram diversos conhecimentos que nos auxiliaram a desenvolver as diversas atividades no dia a dia da escola e da sala de aula. Eles foram essenciais para o nosso bom desempenho, capacitando-nos durante o processo de imersão nas escolas e na sala de aula.

4.2 Observação

O período de observação na Escola Municipal de Campina Grande teve duração de 16 horas, com início no mês de julho e término no mês de agosto, durante o turno da tarde das 13:00 às 17:20 horas, no 5º ano do Ensino Fundamental. Durante todos os dias observados, as aulas começaram após a acolhida no pátio. Ao entrarem na sala de aula, os alunos eram conduzidos a um momento de oração coletiva e à participação de uma leitura deleite, de variados gêneros, podendo ser a leitura de um texto/livro, a apreciação de uma música ou a execução de uma dinâmica.

O primeiro dia de observação iniciou com a oração, seguida da leitura deleite “10 Coisas Importantes para a Manutenção da Saúde”. A partir dessa leitura, a professora retomou os assuntos das semanas anteriores fazendo uma ponte com o assunto que seria estudado a seguir na aula. Naturalmente, os/as alunos/as comentaram a respeito das informações trazidas pelo texto, realizando a troca de experiências do cotidiano deles/as e após a discussão, a Professora trouxe como tema da aula “Vida Saudável”.

Toda leitura deleite tem seus objetivos e características, que variam de acordo com suas funções, e com o que se quer alcançar. Ela pode ser classificada de várias maneiras: voz alta, em que o professor faz a leitura em voz alta para todos os alunos, expressiva, o professor conta a história usando a expressão corporal, silenciosa, em que cada aluno poderá ler sua história em silêncio ou de maneira coletiva, fazendo com que todos participem da leitura. O professor [...] pode trabalhar a leitura deleite de várias formas, em qualquer momento da sua aula e em espaços diversificados da escola, desde que seja planejado para sua turma [...] (CORDEIRO; MOURA, 2020, p. 273).

Após a leitura deleite, a preceptora projetou vídeos utilizando o computador, *Datashow* e uma caixa de som. O primeiro vídeo, “Três Regrinhas de Ouro para a Manutenção da Vida Saudável”, continha informações sobre higiene, boa

alimentação e exercícios. O segundo vídeo, “Pirâmide Alimentar – Entrevista com a Professora Lina”, exibiu a explicação de uma professora a respeito da pirâmide alimentar. No terceiro vídeo, “Pirâmide Alimentar”, Dr. Ana tratou dos benefícios para a saúde proporcionados pelas indicações da pirâmide com uma explicação clara e de fácil compreensão. Após o término de cada vídeo, a professora retirou dúvidas, ressaltando pontos importantes e trocando informações com seus/as alunos/as que a todo o momento faziam intervenções coerentes, além de interagirem uns com os outros tratando do assunto em questão, sem fugas do tema.

Ao término dos vídeos, os/as alunos/as foram conduzidos ao pátio da escola para fazer alguns exercícios físicos, resgatando antigas brincadeiras de rua, onde as crianças se movimentaram bastante, nesse momento a educadora trouxe a reflexão de que fazer exercícios físicos também pode ser divertido. A atividade para casa foi realizar um fichamento do texto referente ao tema estudado presente nas páginas 88 e 89 do livro de Ciências.

Essa aula foi bastante dinâmica, as crianças aprenderam novos conhecimentos se divertindo e conseguiram fazer a ponte com a realidade em que estavam inseridas, com facilidade, além de participarem ativamente na aula de forma natural. Compreendemos que a professora a todo o momento utilizou estratégias para incluir seus/as alunos/as no processo de ensino e aprendizagem, fazendo-os parte desse processo e não apenas “receptores” de conteúdos.

A prática pedagógica que visa o protagonismo infantil, tendo aluno e professor como autores e construtores do saber, fazem com que o processo de alfabetização seja contínuo e expressivo. O sucesso escolar só acontece quando práticas significativas permeiam o cotidiano da sala de aula, onde todos os sujeitos implicados no processo de ensino aprendizagem se envolvem com interesse, dinamismo e reciprocidade. O processo de aprendizagem é um processo de interação social que vai muito além de codificar e decodificar signos/símbolos (KILPINSKI; CELESTINO; MATTOS, 2017. p. 1).

O segundo dia de aula, após a oração, começou com a leitura deleite “A vida por linhas retas” (Autor Desconhecido), um texto para que os/as alunos/as refletissem a respeito da importância de guardar as coisas boas da vida e perdoar aquelas que os/as feriam. A partir dessa leitura, a professora contou uma história da sua vida sobre como conseguiu vencer uma situação de mágoa e perdoar a pessoa que a tinha ferido, comentando como essa atitude fez diferença em sua vida.

Após esse momento, foi realizada a leitura de um texto do livro que foi base para a realização de uma atividade para casa. De carteira em carteira a docente olhou os cadernos, colocando observações naqueles que não responderam a atividade. A correção ocorreu em seguida, com a docente realizando a leitura das perguntas e as crianças lendo suas respostas. Notamos que as crianças que leram já o faziam fluentemente, realizando-a de forma corrida e respeitando as pontuações. Após a correção coletiva, a professora anotou as respostas do exercício no quadro.

Dando continuidade ao tema “Alimentação Saudável”, a partir do livro didático e embalagens de produtos trazidas pelos/as alunos/as, foram identificados os nutrientes que estavam presentes neles. A partir das informações desses rótulos sobre os ingredientes identificados, no quadro, a preceptora criou gráficos e tabelas com a contribuição dos/as alunos/as para que os mesmos analisassem qual dos alimentos teriam mais açúcar, sódio, vitaminas, gorduras, proteínas, entre outros. Os/as alunos/as participaram ativamente identificando as informações presentes nos produtos, classificando-os de acordo com a quantidade dos ingredientes a serem observados e realizando comparações entre os benefícios dos nutrientes e possíveis malefícios de determinados ingredientes tais como sódio, açúcares, conservantes e corantes, sempre de forma coerente com o que estava sendo estudado. Eles/as estavam bastante animados/as e, através de seus discursos, relataram que a partir de então passariam a observar melhor as informações presentes nos rótulos dos alimentos que consumiam.

Por fim, a professora apresentou o modelo de produção de um cartaz, explicando que deve ser feito com letra legível em forma bastão, escreveu no quadro o alfabeto em letra bastão para aqueles/as que tinham dúvidas de como eram algumas letras nesse estilo. Além disso, desenhou como as crianças deveriam distribuir as informações nas folhas de papel que deveriam ser coladas nos cartazes juntamente com tema, definição/informações breves e ilustrações. Escreveu os temas que deveriam ser abordados e os alunos escolheram aqueles com os quais queriam trabalhar: Pirâmide alimentar; Higiene do corpo; Saúde e bem-Estar através da comida; Reeducação alimentar; A importância do exercício físico; e Dez passos para uma alimentação saudável. As imagens que foram utilizadas nos cartazes foram impressas através de uma impressora e um notebook; também ocorreu a distribuição dos textos acerca dos temas para que a turma os resumisse e colocasse

no cartaz as informações mais relevantes; A preceptora juntamente com os/as estudantes, escolheu e imprimiu as imagens referentes aos temas de cada grupo. Eles/as responderam bem à atividade, rapidamente se organizaram em grupos, interagiram, dividiram e realizaram as tarefas.

Durante essa aula, pudemos destacar a forma interdisciplinar com que a professora trabalhou o tema Alimentação Saudável, visto que ela utilizou o tema de Ciências para produzir cartazes/textos e construção de gráficos em Matemática. Outro aspecto a ser evidenciado foi a interação dos/as alunos/as durante a correção das atividades. Conforme afirma Alves Júnior (2013, p. 7), “o aluno é o centro do processo de aprendizagem, sendo capaz de desenvolver seu conhecimento [...]. Mas quando o processo é acompanhado por um professor, material pedagógico ou estratégia didática, há a potencialização da produção do conhecimento”.

A interdisciplinaridade é uma temática que é compreendida como uma forma de trabalhar em sala de aula, no qual se propõe um tema com abordagens em diferentes disciplinas. É compreender, entender as partes de ligação entre as diferentes áreas de conhecimento, unindo-se para transpor algo inovador, abrir sabedorias, resgatar possibilidades e ultrapassar o pensar fragmentado. É a busca constante de investigação, na tentativa de superação do saber (BONATTO et al., 2012, p. 5).

O terceiro dia de observação iniciou com a leitura deleite *O Menino e o Padre* (Autor Desconhecido), uma história cômica para trazer descontração. As crianças gostaram bastante, rindo e comentando, sobre o desfecho da história. A professora iniciou o conteúdo programado “Número Misto”, copiando o assunto no quadro, desenhando figuras geométricas para fazer representações, bem como apresentou um texto explicando passo a passo como realizar os cálculos com números mistos. Além disso, lembrou operações com frações e tirou dúvidas dos/as alunos/as que não hesitaram em fazer interferências e perguntas a respeito de do assunto e trazendo outros exemplos do cálculo.

Para fixar melhor o conteúdo, a professora escreveu uma atividade no quadro na qual os alunos treinaram os cálculos aprendidos durante a explicação. A todo o momento, durante a realização da atividade, as crianças se levantavam e iam até a professora para tirar suas dúvidas, assim como chamavam a mesma até suas carteiras. Quando os alunos terminaram a atividade, a professora fez a correção e passou mais uma questão para resolução em sala, onde houve o mesmo procedimento anterior. Como restavam alguns minutos para o término da aula, a

professora permitiu que durante este tempo as crianças brincassem com jogos didáticos e tabuleiros de dama.

Durante essa aula, notamos que a preceptora utilizou basicamente o quadro e a régua para apresentar o conteúdo aos seus alunos, no entanto é compreensível, visto que o assunto em questão requer o aprendizado de um cálculo específico para a realização das atividades. Ela desenhou cada figura geométrica a ser estudada, exemplificou o cálculo inúmeras vezes e ainda assim mostrou-se disponível a todo o momento em que os/as alunos/as necessitaram de esclarecimentos a respeito do conteúdo estudado.

E é justamente esse o papel do professor: produzir conhecimento e criar um ambiente propício para que ele seja efetivamente construído. O docente sozinho não consegue ensinar, porque não existe docência sem discentes [...]. O processo de construção do conhecimento em sala de aula requer uma interação direta entre professores-alunos e alunos-alunos (ALVES JÚNIOR, 2013, p. 8).

O quarto dia de observação teve início com a leitura deleite *O Cavalo e o Poço* (Autor Desconhecido), trazendo uma reflexão a respeito de como precisamos aprender a vencer os desafios que surgem diariamente em nossas vidas. As crianças demonstraram compreender o que a professora estava falando, interagindo com a história e ligando-a a acontecimentos do seu dia a dia. Logo após, a docente começou a copiar no quadro o conteúdo “Advérbio e Classificação dos Advérbios”, desenhando um quadro sinótico com o assunto. Quando todos copiaram, ela explicou cada elemento do quadro lembrando o que era verbo, e a partir de exemplos explicou o que é advérbio.

Passou a explicar o quadro com as classificações e exemplos de advérbios que se encaixavam nessas classificações (lugar, tempo, modo, intensidade, afirmação, entre outros), contextualizando-o em frases. Os/as alunos/as interagiram, deram suas contribuições, bem como fizeram suas inferências. Por fim, a professora pediu que eles/as se dividissem em grupos e distribuiu um jogo didático sobre advérbio em que os alunos pegavam cartões ilustrados com frases escritas neles e identificavam quais advérbios estariam presentes nelas. Ganharam os/as alunos/as que acertaram mais advérbios presentes nas frases, cujas respostas encontravam-se em ficha entregues a um deles. A todo o momento a educadora deu assistência aos grupos, bem como esclareceu as dúvidas.

Durante esta aula, destacamos o modo como a professora utilizou os exemplos, de forma que se aproximasse da realidade dos/as alunos/as, demonstrando que os advérbios já eram utilizados por eles/as em seu dia a dia, ainda que não soubessem o conceito de advérbio. Outro destaque foi o fato de que, ao utilizar os jogos didáticos, eles/as aprenderam de forma lúdica e divertida, sendo incentivados a estudar sem a pressão de decorar as diversas classificações dos advérbios.

O processo de aprendizagem vai muito além de codificar e decodificar signos, é um processo social, cultural e contínuo permeado pelas relações entre sujeitos, motivação intrínseca e extrínseca e conhecimento se tornando significativo à medida que é ativo, prático, flexível e interativo. A prática pedagógica alicerçada no diálogo e nas interações entre sujeitos e objetos do conhecimento permite que no cotidiano da sala de aula se estabeleçam situações de ensino-aprendizagem com análises críticas e reflexivas para além das salas de aula, para a vida do sujeito (KILPINSKI; CELESTINO; MATTOS, 2017, p. 2).

Diante das observações, percebemos que alunos/as e professora se uniram no processo de ensino e aprendizagem, no qual a docente adota diversas metodologias de incentivo à participação ativa dos/as estudantes nas aulas, que responderam demonstrando interesse, vontade de aprender e associação com as experiências cotidianas. Conforme Belotti e Faria (2010), podemos observar que a relação do professor com seus/as alunos/as influencia diretamente em seu aprendizado e quando esta é positiva há maior probabilidade de que o/a aluno/a aprenda, produzindo bons resultados no processo de ensino-aprendizagem, da mesma forma se for uma relação negativa, a probabilidade de os resultados serem ruins aumenta, porquanto o/a aluno/a não terá motivação para aprender o conhecimento apresentado pelo/a professor/a.

Aprender, portanto, não significa recitar um número cada vez maior de conceituações formais, mas elaborar modelos, articular conceitos de vários ramos da ciência, de modo que a cada conhecimento apropriado pelo sujeito ampliar-lhe a rede de informações e lhe possibilitar tanto a atribuição de significados como o uso dos conceitos como instrumentos de pensamento (SFORNI; GALUCH, 2006, p. 220).

Destacamos que em todos os momentos de observação, os alunos participaram voluntariamente das aulas, demonstrando interesse pelos conteúdos, expressavam suas dúvidas e realizavam todas as atividades de forma organizada. Ressaltamos que o professor não pode desenvolver um trabalho de excelência

sozinho, sem recursos, mas podemos perceber que todas as ações observadas foram reflexo de uma boa formação profissional, como também, do apoio pedagógico de uma equipe que auxilia a professora, em uma escola que dispõe dos mais diversos recursos, proporcionando, assim, que a prática do professor seja aperfeiçoada e atenda com eficiência às demandas apresentadas por seus/as alunos/as.

4.3 Momentos mais significativos da regência de classe

O terceiro momento da Residência Pedagógica na Escola Municipal de Campina Grande, no 5º ano do Ensino Fundamental, foi a regência realizada de agosto a novembro do ano de 2019. Contabilizando 50 horas de regência, no entanto, neste trabalho detalhamos apenas cinco delas, consideradas as mais significativas dos componentes curriculares: Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências.

A primeira regência foi referente ao componente curricular História, com a temática “Transformações no cotidiano brasileiro”, com ênfase nas formas de comunicação. A aula foi iniciada com uma leitura deleite, com o objetivo de conhecer um pouco mais dos/as alunos/as, visto que era a primeira aula ministrada na turma. Eles/as responderam quatro perguntas: o nome; o que gosta de fazer; o que não gosta de fazer; e um sonho para futuro profissional. Todos/as participaram sem maiores dificuldades, respondendo às perguntas. Foi um momento de descontração e aproximação.

Ao final da dinâmica, apresentamos o conteúdo, utilizando *Datashow* e computador, para exemplificar as mudanças que ocorreram no cotidiano brasileiro ao longo do tempo e, à medida que o assunto era explicado, foi demonstrado com imagens como eram os elementos do passado comparando-os com o presente. A maioria dos/as alunos/as demonstraram espanto e curiosidade, bem como acrescentaram à discussão histórias que ouviram de seus pais e avós, pelos filmes ou pela Internet. Dessa forma, foi percorrida essa parte da história, a partir dos cumprimentos e gestos, até chegarmos nas tecnologias atuais, explicando como essas mudanças afetaram a vida e a forma de comunicação dos brasileiros. Por fim, concluímos essa parte demonstrando algumas mudanças que ocorreram na cidade

de Campina Grande ao longo dos anos, também trazendo imagens que comprovaram que essas mudanças de fato ocorreram.

Para demonstrar a mudança na linguagem, apresentamos a carta intitulada *Suprema Felicidade* (FONSECA, 1980), pedindo aos/as alunos/as que a lessem e destacassem palavras desconhecidas, cujo uso não é mais comum à sociedade vigente. Diante disso, fizemos um breve estudo desses vocábulos. Aqueles que desejaram ler demonstraram leitura fluente com respeito às normas gramaticais, outros fizeram destaques coerentes, como também trouxeram contribuições do seu dia a dia, além de fazerem diversas perguntas relacionadas ao tema e enriquecendo o conteúdo da aula. Ao final, foi distribuído um texto informativo, contendo os principais aspectos abordados durante a aula e em suas agendas. Os/as alunos/as anotaram em suas agendas as páginas 110 a 113 como atividades para casa, referentes ao tema estudado, presente no livro de História.

Durante essa aula buscamos desenvolver a ideia de que a História não é um conjunto de fatos passados, presos no tempo, mas a transformação contínua, que acontece também nos dias atuais na vida do povo brasileiro e na vida das cidades e das pessoas comuns como nós e como eles/as, os/as estudantes. Durante a aula, foi perceptível a compreensão dos alunos, visto que a todo o momento interagiram e conseguiram fazer a ponte entre suas vivências diárias, de modo coerente e questionador, dando sentido ao objeto de estudo e à História.

Repito: “fazer sentido” talvez seja o grande desafio. Requer combater as aulas enfadonhas, pautadas na repetição de histórias contadas e não imaginadas. Exige lutar contra as velhas práticas de perguntas e respostas, ou de que o livro didático é a única fonte possível de ser utilizada em sala de aula. Que cabe ao nosso aluno aprender apenas aquilo que está publicado nas páginas do livro, ou escrito no quadro negro, como uma verdade absoluta e inquestionável (SOARES JÚNIOR, 2019, p. 170).

A segunda regência que destacamos é a referente ao componente curricular Ciências, com a temática *Tipos de Poluição*, objetivando sensibilizá-los quanto ao tema/problema. Iniciamos com a leitura deleite de um poema da internet (sem título), levando os/as alunos/as a refletirem sobre o que aconteceria às pessoas e às sociedades se o problema da poluição se perpetuasse e destruísse a natureza completamente. Com o recurso de cartazes motivamos a reflexão acerca dos significados de poluição, a partir dos seus conhecimentos prévios. Logo após, houve a descrição dos cinco principais tipos de poluição (sonora, atmosférica, visual, do

solo e aquática), destacando suas principais causas, efeitos e formas de evitar. Em cada uma delas, os alunos/as trouxeram exemplos de atos de poluição observados seu cotidiano, bem como analisaram o que eles/as próprios/as faziam para gerar poluição e que medidas tomavam para não poluir.

Ao final da aula, apresentamos uma experiência para demonstrar como a poluição atmosférica ocorre. Em um recipiente, despejamos água limpa representando o ar cheio de bolinhas de oxigênio, logo após derramamos leite dentro, simulando quando a fumaça permeia a camada de ar, poluindo a atmosfera. As crianças compreenderam e deram suas explicações a respeito da dinâmica, bem como fizeram suas perguntas. A partir dessa dinâmica, introduzimos o assunto sobre as queimadas que estavam ocorrendo na Amazônia e as crianças comentaram sobre a questão, trazendo exemplos do que ouviram a respeito em jornais e na Internet.

Realizamos o levantamento dos conhecimentos prévios e pedimos que os/as alunos/as se dividissem em grupos e elaborassem cartazes informativos sobre os cinco tipos de poluição estudados. Foram disponibilizadas imagens sobre o tema e um texto informativo para que os/as retirassem as principais informações e as escrevessem nos cartazes, que demonstraram organização, capacidade de identificar as principais informações contidas no texto e capacidade de trabalho em grupo.

Atuamos para promover a reflexão a respeito de suas atitudes em relação à poluição, bem como a conscientização dos mesmos em relação aos seus papéis contra o problema da poluição e, a partir da confecção dos cartazes, os mesmos puderam levar as informações aprendidas a outras pessoas. Outro aspecto importante da aula foi demonstrar, através de um experimento prático, de que forma ocorre a poluição do ar (um dos cinco tipos apresentados), com o qual as crianças puderam ver como a “fumaça” dificulta a disseminação do oxigênio pela atmosfera.

A partir desse experimento, pudemos discutir a respeito da questão das queimadas que estavam ocorrendo na Amazônia durante o período em que as aulas foram realizadas. Dessa forma, essa aula trouxe a oportunidade de compartilhar conhecimentos, fazer questionamentos, confrontar ideias e fazer novas descobertas, valorizando as aulas de Ciência.

[...] Na fase inicial de escolarização, o importante é que a criança tenha oportunidades de envolver-se em situações investigativas, de experimentar,

testar hipóteses, questionar, expor suas ideias e confrontá-las com as de outros. Nesse sentido, o papel do professor é propiciar um espaço favorável à descoberta, à pergunta, à investigação científica, instigando os alunos a levantar suposições e construir conceitos sobre os fenômenos naturais, os seres vivos e as inter-relações entre o ser humano, o meio ambiente e as tecnologias (VIECHENESKI; LORENZETTI; CARLETTO, 2012, p. 859).

A terceira regência que destacamos foi referente ao componente curricular Língua Portuguesa, com a temática “Gênero Textual Charge”. Iniciamos a aula com a leitura deleite *O Menino e o Prego* (Autor Desconhecido), trazendo uma reflexão sobre o modo como as palavras deixam marcas, sejam elas boas ou ruins, e como é importante pensarmos bem antes de falar. Logo após, copiamos no quadro um pequeno texto trazendo a definição do que é o gênero textual charge e seus elementos textuais e não textuais. Logo após, perguntamos aos alunos se eles conheciam esse gênero textual e em que lugar eles haviam observado esse tipo de texto. Eles deram suas contribuições explicando que os viram em seus livros, jornais e pela internet, falando o que observavam nesse gênero textual.

Em seguida, pedimos para que os/as alunos/as, por fila, se dirigissem à frente da sala para observar um cartaz com diversas charges. Nesse momento, eles/as se divertiram lendo as sátiras demonstradas nos desenhos e nos seus enunciados. Pedimos para que destacassem as charges que mais chamaram a atenção e dissessem o porquê. Após o momento de discussões, foi dada a seguinte proposta de atividade: produzir duas charges, uma seguindo o tema que estavam estudando em sala de aula, na disciplina de Ciências (A Água); a outra com tema livre. Os alunos demonstraram compreender a estrutura da charge e acompanhamos toda a produção, esclarecendo as dúvidas e, ao final, o resultado foi satisfatório, demonstrando bastante criatividade. Para casa foi sugerida uma atividade de Língua Portuguesa, referente ao gênero textual estudado. Nessa aula também houve interdisciplinaridade entre o componente curricular de Ciências e de Língua Portuguesa.

Para que os alunos dominem diferentes gêneros, é necessário que o professor construa estratégias de ensino, com o objetivo de levar o aluno ao desenvolvimento das capacidades necessárias para aprender e fazer uso com maior mestria dos gêneros trabalhados, e isso pode ser alcançado por meio de estratégias ou sequências didáticas criadas pelos professores (SEGATE, 2010, p. 2).

A quarta regência que destacamos é referente ao componente curricular Matemática, com a temática *Retas e Ângulos*. A aula foi iniciada, como de costume,

com a leitura deleite *A Bagagem da Vida* (Autor Desconhecido). A partir desse texto, foi feita uma reflexão a respeito das coisas que devemos levar na nossa bagagem de vida e aquelas que devemos abandonar pelo caminho. Os/as alunos/as ouviram atentamente, mas não teceram comentários. A aula foi dividida em duas partes: 1) na primeira copiamos um breve texto informativo sobre o conteúdo *Retas*, com explicação sobre suas partes, ou seja, semirreta e segmento de reta e sua classificação: paralelas, concorrentes e coincidentes. Fizemos aplicações do conteúdo, buscando visualizar em partes da própria sala de aula, como as mesas na sala de aula; 2) na segunda abordamos o conceito de ângulo, visto que este é formado por duas semirretas. Nesta parte, os ângulos foram desenhados para que os alunos pudessem visualizar as diferenças entre eles, tomando como situação de aplicação um campo de futebol e as diversas aberturas de uma porta. Para a atividade em sala de aula, as crianças receberam uma folha com espaço adequado para produzir representações de retas e ângulos, com suas respectivas classificações, objetivando expressarem os conceitos aprendidos. Eles executaram a atividade utilizando lã e cola, e também demonstraram bastante interesse, realizando a atividade com rapidez e precisão, sem a necessidade de muitas intervenções.

Ora, que outra função tem o ensino de matemática senão o ensino da matemática? É para cumprir esta tarefa fundamental que lançamos mão de todos os recursos que dispomos. Ao aluno deve ser dado o direito de aprender. Não um 'aprender' mecânico, repetitivo, de fazer sem saber o que faz e por que faz. Muito menos um 'aprender' que se esvazia em brincadeiras. Mas um aprender significativo do qual o aluno participe raciocinando, compreendendo, reelaborando o saber historicamente produzido e superando, assim, sua visão ingênua, fragmentada e parcial da realidade (FIORENTINI; MIORIM, 1990, p. 3).

A quinta e última regência que destacamos é referente ao componente curricular Geografia, com a temática "Energia, Transporte e Comunicação". Nessa aula foi utilizado um texto do livro didático da turma e, simultaneamente, foi copiado um roteiro no quadro resumindo o conteúdo presente no livro didático para facilitar a explicação e a compreensão. Compreendemos que o livro didático é um importante instrumento na prática educacional.

Dispondo os conhecimentos numa forma que visa viabilizar o processo de transmissão-assimilação que caracteriza a relação professor-aluno em sala de aula, mal ou bem os livros didáticos fazem a articulação entre a forma e o conteúdo. A questão pedagógica, por excelência, diz respeito à seleção, organização, distribuição, dosagem e sequenciação dos elementos

relevantes para a formação dos educandos é, assim, realizada pelo livro didático no que se refere à pedagogia escolar (SAVIANI, 2009, p. 151).

Para que os/as alunos/as pudessem visualizar os tipos de energia, transporte e comunicação, apresentamos um cartaz com imagens destes. Iniciamos o assunto falando sobre a energia, incluindo as fontes renováveis e não renováveis, seguindo com os meios de transporte interligados aos tipos de energias que estes utilizam para se locomover e, por fim, encerramos com os meios de comunicação. A todo o momento as crianças apresentaram exemplos do seu cotidiano, conhecimentos que já possuíam sobre o assunto e perguntas que enriqueceram o aprendizado. A atividade para casa foi o fichamento do capítulo que abordou o tema.

Durante todo o período de regência nos esforçamos para realizar as aulas com a melhor diversidade de metodologias possíveis, visto que, quanto maior as possibilidades de aprendizado, melhor será a compreensão dos assuntos.

A aprendizagem não ocorre de forma linear e mecânica, ou seja, não basta que novos conhecimentos científicos sejam ensinados para que o aluno os internalize. As múltiplas vozes presentes nas atividades coletivas – as explicações do professor, a troca de experiência com os colegas, as leituras de textos de diferentes naturezas sobre o tema, a observação de vídeos explicativos, a realização de experimentos – provocaram uma espécie de diálogo interno, que apontava para uma reorganização do pensamento dos alunos (SFORNI; GALUCH, 2006, p. 228).

Compreendemos que o/a professor/a é referência em sala de aula, que atua como mediador entre o aprendiz e o objeto de conhecimento, bem como sabemos que são as estratégias e recursos utilizados que facilitam o aprendizado ou o prejudicam. Nesse processo, a avaliação cumpre um papel imprescindível, apontando avanços, dificuldades, possibilidades de mudança e replanejamento. Cada aula, cada atividade nos possibilitou essa percepção e revisão das ações, sempre com o acompanhamento sistemático da professora orientadora (UEPB) e da preceptora (escola), que contribuíram para que pudessemos refletir sobre o ato de ensinar e aprender, aprofundando e dando novo sentido ao que estudamos durante todo o curso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O PRP nos proporcionou redimensionar os referenciais teórico-metodológicos estudados durante a formação docente. Ao promover essa aproximação do/a graduando/a em um curso de licenciatura com o ambiente escolar por um período de 18 meses, o PRP permitiu que construíssemos uma base mais sólida, com menos insegurança acerca de aspectos mais complexos como planejar e realizar uma aula, como utilizar recursos, como lidar com as relações e emoções envolvidas no processo, ou mais simples como a melhor letra para escrever no quadro. Para tanto, a imersão no cotidiano escolar e a contribuição das profissionais que nos acompanharam em cada etapa foram imprescindíveis.

É importante ressaltar que essa etapa da imersão ocorreu em uma escola que é avaliada pela Secretaria Municipal de Educação (SEDUC/CG) e pela comunidade como uma das melhores escolas da rede de ensino referida, por isto mesma, autorizada pela instituição a participar do Programa de Residência Pedagógica. Todavia, sabemos que as condições (infraestrutura, nível dos/as profissionais e dos/as discentes, disponibilidade de materiais e equipamentos e outras) e oportunidades proporcionadas não são realidade em todas as escolas da rede. Estamos cientes de que muitas delas enfrentam situações e problemas graves. Vivenciamos a Residência em três escolas diferentes e em dois municípios diferentes, cada um/a com suas singularidades e especificidades. Antes da Residência integralizamos os Estágios I e II em gestão educacional, e Estágio Supervisionado III em educação infantil, também em escolas diferentes. Mais uma razão pela qual o Programa foi de grande contribuição.

Ao final do processo de imersão nessas diferentes escolas, constatamos que é de grande relevância a vivência dos estágios (obrigatórios, opcionais, em instituições públicas e ou privadas, remunerados ou não) para o/a graduando/a em licenciatura, porquanto nenhuma outra atividade das IES permite imergir na realidade escolar de forma constante e prática, proporcionando experiências tão significativas. Escolas como a citada, onde se desenvolveu a Residência Pedagógica ou qualquer outra são verdadeiros laboratórios, que permitem ao licenciando vivenciar o cotidiano escolar à luz dos diferentes referenciais teórico-metodológicos. Constitue-se, assim, em um privilégio e um indispensável aspecto da formação inicial dos/as docentes.

Para além dos aspectos enunciados, ressaltamos que as bolsas cumpriram um importante papel nesse processo formativo, uma vez que uma parcela considerável de licenciandos apresentam padrões econômicos desfavoráveis, que dificultam o acesso às escolas por falta de recursos financeiros para despesas básicas como transportes, alimentações e materiais didáticos. Por todas as experiências, avaliamos que o Programa nos proporcionou uma experiência enriquecedora e complementar. Portanto, deve ser mantido, ampliado e aperfeiçoado, conforme as demandas dos cursos, das escolas, das licenciaturas e das comunidades.

REFERÊNCIAS

- ALVES JÚNIOR, Claudiney Washington. A afirmação do aluno como protagonista da própria aprendizagem. **Revista de Educação**, v. 16, n. 20/21, p. 3-17, jul. 2013.
- BELOTTI, Helena Abdalla; FARIA, Moacir Alves de. Relação Professor/Aluno. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, vol. 1, n. 1, p. 1-12, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior. **Programa Residência Pedagógica**. 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acesso em: 26 jul. 2021.
- BONATTO, Andréia et al. Interdisciplinaridade no ambiente escolar. **Anais da IX Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação**. Ijuí – Rio Grande do Sul. 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2414/501>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- BETIN, Geraldo Antonio. A Construção do Projeto Político-Pedagógico da Escola. **Revista de Pedagogia - UNIPINHAL**, Espírito Santo do Pinhal-SP, v. 01, n. 03, jan./dez. 2005.
- BOTAS, Dialaila; MOREIRA, Darlinda. A utilização dos materiais didáticos nas aulas de matemática: um estudo no 1º. Ciclo. **Revista Portuguesa de Educação**, Portugal, vol. 26, n. 1, p. 253-286, 2013.
- CORDEIRO, Livia Barreto; MOURA, Luciana Teles. Leitura deleite como forma de estímulo em turmas dos 2º ano do Ensino Fundamental. **Kiri-Kerê-Pesquisa em Ensino**, Espírito Santo, v. 1, n. 9, dez. 2020.
- CORREIA, Maria da Conceição Batista. A Observação Participante Enquanto Técnica de Investigação. **Pensar Enfermagem**, Lisboa, vol. 13, n. 2, p. 30-36, jul. 2009.
- FERREIRA, Pamela Cristina Conde; SIQUEIRA, Miriam Carla da Silva. Residência Pedagógica: um instrumento enriquecedor no processo de formação docente. **Práticas de Linguagens**, Juiz de Fora, v. 10 n. 1, ago. 2020.
- FIorentini, Dario; Miorim, Maria A. Uma reflexão sobre o uso de materiais concretos e jogos no ensino da matemática. **Boletim da SBEM-SP**, Campinas, v.4, n.7, 1990.
- FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto Da. **Almeida Garrett**. Lisboa, v.1 n. 2, p. 3-1, 1980.
- FREITAS, Mônica Cavalcante de; FREITAS, Bruno Miranda de; ALMEIDA, Danusa Mendes. Residência pedagógica e sua contribuição na formação docente. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 1-12, 2020.

GARCIA, Joe. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Paraná, n. 95, p. 101-108, 1999.

GARCIA, Joe; DAMKE, Anderléia Sotoriva. O esvaziamento da disciplina na escola. **Anais do VII Congresso Nacional de Educação**, Curitiba. 2008. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/418_783.pdf. Acesso em: 12 ago. 2021

GATTI, Bernardete A. Formação de professores: condições e problemas atuais. **Revista Internacional de Formação de Professores**, Itapetininga, v. 1, n. 2, p. 161-171, 2016.

KILPINSKI, Franciele Novaczy; CELESTINO, Suelen Suckel; MATTOS, Patrícia Nascimento. O cotidiano da sala de aula e o processo de ensino aprendizagem: professor mediador, aluno protagonista. **Anais do X Seminário Internacional de Alfabetização**, Unijuí, 2017. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/alfabetizacao/article/view/8713>. Acesso em: 30 de jul. 2021

KNIJNIK, Gelsa; DUARTE, Claudia Glavam. Entrelaçamentos e dispersões de enunciados no discurso da educação matemática escolar: um estudo sobre a importância de trazer a "realidade" do aluno para as aulas de matemática. **Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro, v. 23, n. 37, p. 863-886, dez. 2010.

SAVIANI, Demerval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, Caxambu, v. 14, n. 40, p. 143-155, jan./abr. 2009.

SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corder. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. **Revista Unar**, Araras, v. 7, n. 1, 2013.

SEGATE, Aline. Gêneros textuais no ensino de língua portuguesa. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 23, n.1, p. 13-24, 2010.

SFORNI, Marta Sueli de Faria; GALUCH, Maria Terezinha Bellanda. Aprendizagem conceitual nas séries iniciais do ensino fundamental. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 217-229, 2006.

SOARES JÚNIOR, Ademar dos Santos. Ensino de história e sensibilidade: o ver, o ouvir e o imaginar de história. **História & Ensino**, Londrina, v. 25, n. 2, p. 167-190, jul./dez. 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB. **Projeto Pedagógico de Curso PPC: Pedagogia (Licenciatura)/Universidade Estadual da Paraíba CEDUC**. Campina Grande, 2009.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB. **Projeto Pedagógico de Curso: Pedagogia/campus I**. 2016. Disponível em:

<https://proreitorias.uepb.edu.br/prograd/download/0109-2016-ppc-campus-i-educ-pedagogia-anexo.pdf>. Acesso em: 20 set 2021.

VIECHENESKI, Juliana Pinto; LORENZETTI, Leonir; CARLETTO, Marcia Regina. Desafios e práticas para o ensino de ciências e alfabetização científica nos anos iniciais do ensino fundamental. **Atos de pesquisa em educação**, Blumenau, v. 7, n. 3, p. 853-876, set./dez. 2012.